

A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 22 de junho

Não é nosso costume asseverar qualquer coisa, sem que para isso tenhamos em nosso favor um ou mais factos, que nos pareçam sufficientemente necessarios, para darem o cunho da verdade ao que asseveramos.

Ha occasiões porém em que esses factos, apezar de já se terem dado e passado por verdadeiros, mostram mais tarde que realmente o não eram, apparecendo novamente revestidos d'outras circumstancias.

Assim, no nosso numero passado e em artigo de fundo, tinhamos asseverado que não haviam ardido mais de 200 casas no Furadouro, mas não é assim, porque arderam muitas mais. O numero exacto, só para o numero seguinte o poderemos dar, visto que ainda se anda procedendo ao levantamento de nova planta.

Em todo o caso, quando asseveramos que só 200 tinham ardido, havia em nosso favor uma prova que nos parecia a mais verdadeira possível—era uma planta de toda a parte da praia incendiada. Ora em face d'uma planta, quem deixaria de asseverar o que nós asseveramos?

Nós é que não presumimos que ella estivesse viciada como estava.

Fallamos assim, para que mais tarde não se diga que faltamos á verdade.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

Um amoroso em fim de seculo

(A MINHA PRIMA A. CUNHA)

Um dia julgou encontrar o que a sua phantasia de ha muito preconcebêra — sempre a fatalidade no seu encaço—e cheio d'amor por essa mulher que era a realisação perfumada dos seus sonhos, que era a estrella rutilante que lhe lançava luz ameigadora, radiosa, no sombrio de sua alma, communicou-lhe por escripto o que lhe ia no intimo.

Agora, o que continuamos a sustentar é a nossa opinião e julgamos ter muitos adeptos.

Ardessem 200 casas, 300 ou 500, o que dissemos está dito e repetimol-o quando fór preciso.

A classe piscatoria d'Ovar é muito pobre, sem duvida, mas nem sempre é digna de todas as atenções. Embora custe a ouvir, esta é que é a verdade.

Só quem não presenciou o incendio do Furadouro, é que poderá dizer o contrario.

A proposito, transcrevemos para aqui alguns periodos d'um artigo do *Bombeiro Portuguez*, «O incendio do Furadouro», de 15 do corrente mez:

«... Temos como proposito, unicamente, demonstrar que a incuria e o indifferntismo produzem d'estas calamidades e que é tanto mais para sentir semelhante negligencia, quanto é certo que são já pelo menos 5 os sinistros de vulto durante o periodo de 11 annos, que lançaram na miseria muitas familias.

Não obstante estes dolorosos exemplos que deram margem a rasgos generosos de philantropia em que mais se distinguiram os portuenses, acudindo ao appello dos bombeiros voluntarios do Porto, por iniciativa do seu ex-commandante e actual inspector geral do serviço de incendios do Porto, nenhu-

Reproduzimos:

«Minha senhora.

«Foi de luz, mas luz vibrante, o dia em que tive a ventura de conhecer a v. ex.ª!...

Desde então a imagem do seu vulto gracioso e nobre, nunca deixou de voltar-me ante o espirito. Seria possível esquecê-la, a v. ex.ª, em quem o olhar tão meigo e candido deixa transparecer tão nitidamente a bondade da alma?

Não, minha senhora.

V. ex.ª sabe o amargor que o *realismo* do mundo derrama continuamente no coração dos homens que não se assemelham aos do vulgo?

Sabe o que é uma cerração

mas providencias adoptaram aquelles povos para protegerem as suas novas habitações construidas com a valiosa esmola que o Porto lhes offer-tou.

E foi tal o desmazêlo, que, segundo lêmos em telegramma do nosso collega *O Commercio do Porto*, não havia machados para se fazer um córte! E houve mais ainda: a indolencia e pasmaceira da gente do Euradouro, que, como toda a gente da beiramar, cruzou os braços a contemplar a obra sinistra das labaredas que se desenvolviam d'um palheiro a outro, derrubando-os e reduzindo-os a cinzas na sua voragem destruidora. Em conclusão, o fogo parou quando quiz.»

Appoiado!

Não transcrevemos o resto, apezar de muito sensato, porque o que ahi fica é bastante.

SECÇÃO LITTERARIA

A's minhas leitoras

(DESCULPA)

Não tenho inspiração, mandei a minha lyra
Envolta n'um *bonquet* finissimo, campestre,
Aos olhos que eu adoro, aos olhos de saphyra,
Que são a perdição do pobre do

Silvestre.

Ovar, 20 de Junho de 1892.

continua de desejos, um almejar de coisas bellas, sem nunca ter realidade?

... Ah! mas v. ex.ª foi o meu fanal, a minha salvação!

Sinto por v. ex.ª uma sympathia immensa e desejo com aneio uma prova de que lhe não sou indifferente, isto é, uma resposta sua. Dar-m'a-ha? Os anjos são candura e amor e v. ex.ª é um anjo. Esta ideia é uma esperança.

De v. ex.ª...
sinceramente dedicado,
A. S.

Todavia estava destinada para o pobre moço uma desillusão amargurante. A mulher a quem elle mostrára amar profundamen-

O AMOR

(TRADUZIDO DE MAD.ª EMILE GIRARDIN)

A L...

Como é doce ser amado! Toda a gente o tem dito, toda a gente o tem pensado, e comtudo, se se consultasse um pouco, toda a gente confessaria que todas as inquietações, todas as desgraças, todas as lagrimas, todos os remorsos da sua vida lhe proveem d'esta felicidade tão doce. Inspirar um amor sincero, puro, nobre, terno, exclusivamente dedicado, é o sonho favorito, a felicidade ideal d'uma alma casta e generosa. Não se começa a viver senão no dia em que se é amado; é desde esse dia que devem datar as nossas recordações; é para ser amado que se busca a gloria, que se aspira á fortuna, que se deseja a belleza. Ser amado é ser comprehendido, é ser abençoado, é ser consolado, é ser feliz, é caminhar com um guia protector atravez dos atalhos perigosos do mundo, guia encantador que affasta para longe de vós os espinhos, que vos ajuda a transpôr os rios, a subir as montanhas, que vos sabe encontrar um abrigo durante a tempestade, um asylo durante o repouso; é ter encontrado um conselheiro prudente que conhece as vossas qualidades e sabe fazel-as valer; um juiz interessado, severo por orgulho, mas indulgente por ternura, que sonha para vós a perfeição e que vos estima por causa das vossas faltas; ser amado emfim, é viver de confiança, d'affeição de delicias; é ter encontrado a felicidade!...

Illusão!... E' tel-a perdido para sempre! Ser amado... é ser amaldiçoado, é ser votado á dôr eterna! Logo que seja amado, a desgraça e a morte vos observam e vos forçam a escolher entre ellas; estas divindades rivaes velam incessantemente á vossa porta; adivinham os vossos pensamentos, reteem todos os nomes que-

ridos que pronunciaes... e sois forçado a escolher, ainda que mau grado vosso, entre um amor fatal, desesperado, que vos deixará viver, e um amor sublime e religiosamente partilhado, que vos fará morrer. Um amor nobre e puro inspira mais inveja que todas as honras, todas as riquezas e todas as potencias da terra... Ser amado é de todos os successos o que se perdôa menos.

O verdadeiro amor attrahe as tempestades da terra como os altos rochedos attrahem as tempestades do céu. Dois seres que se amam são dois parias, mas dois parias que se inveja. A sociedade inteira se colliga contra elles. Mulheres e homens, mostrando-os com o dedo, dizem com raiva: Amam-se! isto é: desprezam-nos e nada somos para elles! Amam-se! isto é: passam por deante de nós sem nos verem; estas riquezas, que adquirimos á custa de tantos labores, não fazem caso d'ellas; estes titulos pomposos, aos quaes sacrificamos o nosso coração e a nossa mocidade, não os desejam; teem um orgulho mais elevado que o nosso orgulho; possuem um thesouro mais precioso que os nossos thesouros... teem o seu amor! De nós só conhecem os defeitos e ambos se riem d'elles! Com effeito, esta fidelidade é um ultrage; estes dois seres que se completam um ao outro, que vivem isolados no meio do turbilhão, são dois revoltosos que é preciso punir, e a sociedade inteira é unanimemente concorde para os castigar da sua insolente felicidade. Então uma tacita conspiração se organisa contra elles no mundo; surdos rumores annunciam que em breve o solo oscillará sob os seus passos; mas elles dão-se as mãos, olham-se com confiança e dizem um ao outro: —Não te deixarei.—Mas em breve inimigos e inimigas surgem de todos os lados, aquelles com ultrages, estas com doces e perdidas palavras. Um homem amado parece sempre tão encantador! Que

phantasista, que o devia levar ás cumiadas do *ideal*, o lançára assim em uma prosa, por certo que as demais deviam assemelhar-se-lhe muitissimo. E de facto.

O amar d'este modo n'esta epocha de positivismo escaldado é uma utopia.

A mocidade que se sinta inclinada ao amor não vulgar, que abandone por completo essa ideia, visto que o coração nas mulheres do presente, na sua grande generalidade, ficou simplesmente o seguinte: o centro d'impulsão, o motor principal da circulação sanguinea...

Ovar, junho de 92.

E. L.

mulher é assaz generosa para desprezar a conquista d'um homem que sabe ser ardentemente amado? E que homem, que parente mesmo, é assaz generoso para não murmurar, deante de uma mulher, d'aquelle a quem ella ama, ainda que o ame legitimamente? E a lucta trava-se terrivel, e a felicidade fica destruida para sempre. E se, por acaso, o amor resiste a tantas tempestades, se é de tal modo dedicado, exclusivo, que nada o possa alterar, então é o proprio Destino que vos vem perseguir com os seus golpes: os reveses mais cruéis vos atormentam, o exilio, a ruina, o dever fatal, vos separam violentamente...

Finalmente, se o amor apra impavidamente taes golpes, se affronta o exilio, a ruina, se arrosta até com o dever, se a chamma do coração é de tal modo ardente que nada possa extingui-la, é a propria Morte, a ciosa Morte, que se encarrega de o destruir. O amor só pôde viver á custa do soffrimento; com a felicidade extingue-se, porque o amor feliz é a perfeição dos mais bellos sonhos e, attingido o grau de perfeição, tudo toca o seu fim. O amor tem em si proprio o instincto da sua duração: sabe que vive á custa de tormentos e é dextro em crear incessantemente novos elementos; sabe que os tormentos são a garantia da sua duração e inventa mil penas afim de viver mais tempo; sabe que as suas alegrias são privilegios injustos aos olhos do Destino, e apressa-se a expial-os por supplicios que se impõe com o fim de obter o seu perdão; inflige a si mesmo tormentos artificiaes que escolhe para affastar as desgraças reaes que teme; faz-se cioso sem motivo, com medo de o ser com justiça; inquieta-se doudamente deante de perigos imaginarios para affastar o terrivel momento do verdadeiro perigo; compraz-se em fazer correr lagrimas inuteis que podia deter com uma palavra, para enxugar as lagrimas austeras da ausencia e do abandono. Muitas vezes elle vae até trahir o seu amor, para o salvar, profanando-o. Eis pois a verdade, eil-a: é o contrario do que se inventa. Ser amado!... é viver de tormentos, é errar n'um deserto sem fim com um cego por guia; é tremer a cada passo e tremer por aquelles a quem se ama; é ter um juiz mal intencionado e fraco, cujos conselhos interessadinhos vos desencaminham; que não conhece nem os seus defeitos nem os vossos, que condemna todas as vossas boas qualidades, porque são ellas que o fazem soffrir; é ter um inimigo perfido que tem o segredo da vossa fraqueza, que censura como crimes as vossas mais nobres acções, e que se arma contra vós, no seu odio facticio, com as vossas confidencias, com as vossas revelações; é ter por alliado um traidor, um adversario implacavel que em segredo lucta incessantemente contra vós, espiando todas as vossas acções; é installar em vossa casa a mais terrivel das espionagens: a do escravo revoltado. Ser amado... é viver de abnegação e de desconfiança.

Para o homem é renunciar á fortuna, a todas as affeições de familia, a todas as dores do lar, a todos os successos, a todas as glorias e algumas vezes até é deixar-se deshonrar. Para a mulher ser amada, ou consentir em sel-o, é mentir a todos os momentos, é perder o repouso, a alegria, a razão, o pudor e o espirito!

Elias Carvalho.

(Continúa)

Desalento!

(A. A. P. S.)

Soffro tormentos horribeis,
Vivendo n'esta incerteza,
Creio ás vezes ser amado,
Ou que ella me despreza.

E' mister que chore sangue,
Que tenha cruéis torturas,
Uns sonhos angustiados,
Dias cheios d'amarguras.

E talvez ella não saiba,
Qu'este soffrer, esta dôr,
Esta paixão sem limites,
Tem por causa o seu amor.

Nem sabe que sinto ao vê-la,
Entrar-me a mente em delirio,
O coração sangrar sangue,
Sob as garras do martirio.

Esta duvida, em que vivo,
De ser amado ou não ser,
Esmaga-me o coração
Com seu acerbo soffrer.

Ovar, junho de 1892.

Jafé.

O CONFESSOR

Por uma d'aquellas frigidissimas noites de dezembro, em que os desprotegidos da sorte tiritam enregelados ao canto das suas cazinhas vasias de pão e de alegria, enquanto os ricos, os queridos do deus dinheiro, ostentando pellicas caras, offuscam com o fulgor dos seus brilhantes a limpidez dos crystaes venezianos, que cobrem as paredes dos salões sumptuosos, no catre humilde d'uma pobre casa da provincia agonisava a filha unica do fidalgo de Travancas—Cecilia de Menezes, uma jovem mulher, que em tempos felizes vira prostrados a seus pés, rendendo homenagem á sua grande fortuna, ao seu illustre nome e á sua peregrina belleza, todos os representantes da aristocracia nobre e endinheirada da capital.

Agora, pallida, d'uma pallidez cadaverica, o seio arfante, os longos cabellos louros cobrindo-lhe os hombros nus, os meigos olhos azues, da côr do firmamento radioso, a rolar-lhe nas fundas orbitas anoveadas, gemia sem descançar.

Todavia, de vez em quando, levantava a custo a cabeça, passava a lingua queimada nos labios calcinados pela febre, e lentamente, difficilmente, voltando o olhar embaciado para um pequenino leito em que dorme placidamente uma galante creança de tres annos, murmura:

—Meu filho, meu querido anjo, não mais te abraçarei, porque em breve deixarei esta vida, cujo peso já não tenho forças para supportar!...

E dizendo estas palavras, as lagrimas brotam-lhe em torrentes, e a tosse, rispida, secca, brutal, desconjuncta-lhe o magro peito.

E enquanto a pobre mãe, a desgraçada mulher, padece tão horriavelmente, defronte do velho casebre, no confortavel palacete do commendador Gonçalves, como que se escarnece d'aquella amarrissima dôr—dança-se e faz-se musica!

Subitamente, Cecilia deixou de tossir e chorar, e soltando um profundo suspiro, sentou-se no leito, o ouvido attento, um brilho estranho no olhar, a mão branca e descarnada tentando, em vão, conter o desordenado palpitar do seu pobre coração.

E' que ella acabava d'ouvir cantar divinamente a *Stella Confidente*, uma inspirada pagina de musica, que transportava o seu espirito ás regiões do passado.

Demais, a voz que chegava até ella, a despeito dos reposteiros espessos das janellas do rico visi-

nho, parecia-lhe ser a d'uma pessoa que conhecera de perto, que amára muito, que muitas vezes escutára enlevada, pelo que sentia uma impressão, que não sabia nem podia definir.

Escutando-a, escutando aquella deliciosa musica, recordava os dias immensamente felizes em que cantára tambem o seu trecho favorito, que umas vezes a fazia chorar ternamente commovida, outras, risonha, phantasiar um paraizo em cada canto da terra, um anjo bom em cada homem mau dos muitos que, calculadamente, a lisongeavam...

Lembrava-se perfeitamente (e com que pungente saudade!) que fôra junto do seu magnifico piano Erard, na elegantissima sala do seu solar, guarnecida de moveis artisticamente rendilhados, decorada com quadros de merito e perfumada de flores mimosas e raras, que Carlos, o mimoso escriptor, o esposo eleito do seu coração, o pai do seu adorado Arthur, lhe declarára que a amava muito, muito apaixonadamente, e que por ella perderia gostosamente a vida, que depunha a seus pés... como se lembrava tambem que fôra ao som d'essa musica suave e dolente, repassada d'uma doce melancholia, sob as caricias harmoniosas da sua *Stella*, que elle, pela primeira vez, a beijára e estreitára phreneticamente nos seus braços, braços que—dizia elle n'um tom sincero—sempre haviam de defendê-la e amparal-a!...

(Continúa)

A. Serio.

POR OCCASIÃO D'UM NAUFRAGIO

CARIDADE

(Ao ex.^{mo} sr. Antonio Maria Freire)

Choravam, junto ao mar immenso e soluçante,
Vendo surgir da morte o pallido fulgor,
Muitas creanças loiras, a que outr'ora Dante
Chamava, com razão, scintillações d'amor.

Quebradas de canção, anemicas, sombrias,
Minadas pela dôr, raladas p'la saudade,
As pobres creancinhas, tristes cotovias,
Co'as pequeninas mãos inertes e já frias
Sustentavam, obt Deus, o lyrio da orphanada!

Dispersas pela praia, em misero abandono,
As flor's da primavera, as rosas virginaes,
Mais tristes do que as folhas ao tombar do outomno
Só pediam ao mar as frentes divinaes
Que dormiam no fundo do derradeiro somno!

E as mães, as pobres mães, n'uma agonia ingente,
A tremer e a orar, envoltas n'um sujario,
Viam anottecer p'ras bandas do poente,
Como outr'ora Jesus no cimo do Calvario,
O azul religioso, o nosso ceu clemente!

E a santa Caridade, a flor da innocencia,
Ao ver, lá dos espaços,
No abysmo da desgraça almas de pura essencia,
Abandonou Jesus, o ceu e a Providencia
Para lhes estender os lampejantes braços!

Ovar, abril de 1892.

Francisco Rodrigues do Valle.

NOTICIARIO

Policias correccionaes

Manoel Pereira da Silva, cocheiro, do largo da Estação, respondeu em policia, no sabbado, por ter atirado uma pedra a José Pereira Saraiva.

Foi para a rua.
—No dia 15 respondeu João Soares Marques, d'Esmoris, por ter *chaguçado* (expressão das testemunhas) com um pau, José Domingos da Silva, da mesma freguezia, lá por questões de ciúmes!

O dito *chaguçador* está privado de *chaguçar* por espaço de quinze dias: está na *chêna*!

Semi-ebrio!

Pelas 7 e 1 quarto horas da tarde, na segunda-feira, foi preso na Estação, onde é carregador ha annos, Joaquim Diogo.

O homem, lá pelos modos, estava como vulgarmente se diz, de *meia redea*.

Carregava sardinha, mas tão desastradamente, que foi por vezes admoestado pelo ex.^{mo} sr. Guilherme Thomaz, digno chefe d'aquella estação.

O amigo Diogo *refilou*, e não contente com isto, tentou offender o chefe.

Nada conseguiu, porque acudiu o pessoal.

Veio preso, sendo acompanhado pelo ex.^{mo} sr. Piedade, fiscal do governo.

Em seguida foi levantado ao desobediente o respectivo auto.

Lá está á sombra e espera resignado a *paga* do seu serviço... indispensavel!

Um passeio fluvial

Na tarde de segunda-feira uma *troupe* de rapazes foram dar um passeio pelo rio da Graça n'uma bateira.

No meio da festa cahiu um dos passeiantes ao charco!

Muito riso, e a victima regressou, *todo lagrimas*, a casa despir-se!

Jurou nunca mais passeiar pelos rios!

Triste sorte!

Parabens

De todo o coração os damos ao nosso amigo José Barbosa de Quadros, pela approvação que obteve no exame de latim.

Policia civil

Foi rendida na terça-feira a força de policia que se achava n'esta villa.

Festividade

Celebrou-se no domingo, na igreja matriz, a festividade ao SS. Sacramento.

De manhã ouve missa, acompanhada pela orchestra do sr. Antonio Maria Valerio, e sermão. A tarde, *vesporas*, sermão e precissão. Foi orador o rev. prior de Salreu.

A concorrência foi diminuta, em vista dos demais annos.

—A'manhã festeja-se na capella da Nossa Senhora da Graça, o Coração de Jesus (velho).

Exames

Fizeram exames no lyceu d'Aveiro e ficaram approvados:

De geographia, Domingos Rodrigues da Silva Pepulim.

De francez, Arnaldo Candido Duarte da Silva e Abel Fraga-teiro.

Parabens aos distinctos estudantes e ex.^{mas} familias.

Serenatas

Está formada uma *tuna* sob a direcção do nosso amigo J. Alves, que já anda em ensaios, fazendo tenção de sahir nas noites de luar proximas.

Bom é isso.

Em férias

Acha se entre nós e em férias d'acto o nosso illustre patricio e distincto quintanista de direito, ex.^{mo} sr. dr. José Antonio d'Almeida.

—Sentimos que s. ex.^a viesse bastante incommodado e desejamos o seu completo restabelecimento.

—Acha-se tambem bastante incommodado o nosso amigo e assignante, ex.^{mo} sr. José dos Santos Ferreira, conceituado negociante e commissario de vinhos em Ois do Bairro.

Estimamos as melhoras.

Enlace

Consta-nos que está justo para breve, o casamento do nosso illustre collaborador litterario, o ex.^{mo} sr. Gonçalves Pereira, de Ois do Bairro, com uma menina illustrada, filha d'uma das principaes familias da Bairrada. Muitas felicidades.

Irmadade de Santo Antonio

Ao que se diz, reúne brevemente a meza d'esta irmandade, para se proceder á eleição de novos mesarios.

Diz-se mais que esta resolução é simplesmente devida ás contrariedades e desgostos que ultimamente tem soffrido a meza actual.

Oxalá que ella seja substituida, se o fór, por homens tão dignos como os que agora a compõem.

Hotel do Furadouro

Silva Cerveira, prepara com toda a actividade o seu hotel para a proxima epoca balnear.

Tanto no hotel como no café haverá grandes melhoramentos. Noticiaremos a abertura.

Casorio!

Consta-nos que em breve se atirá ás regiões do matrimonio o nosso amigo ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Manoel Valente Portovêdo.

Saudinha e *venturas* mil!

Se é mentira *revolvemos* (!) a noticia...

Franquia de correspondencias

Do 1.^o de julho em diante, as correspondencias expedidas de Portugal, Açores e Madeira, com destino a Argentina (republica), Bolivia, Brazil, Chili, Paraguay, Perú e Uruguay, ficam sujeitas aos seguintes portes em sellos:

Cartas ordinarias, cada 15 grammas 100 réis.

Bilhetes postaes simples, cada um 30 réis.

Bilhetes postaes de resposta paga, cada um 60 réis.

Jornaes e outros impressos, cada 50 grammas 20 réis.

Amostras:—Até 100 grammas 40 réis; cada 50 grammas, além das 100, 20 réis.

Manuscriptos:—Até 250 grammas 100 réis; cada 50 grammas, além das 250, 20 réis.

Correspondencias registadas:—Premio de registro, cada carta, bilhete postal ou maço, além do respectivo porte 50 réis; aviso de recepção, cada um 50 réis.

Carta a Manoel Gomes Dias

Meu caro:

Muito deves tu a essa *troupe* de escriptores e chronistas que por ahi pullulam como os vermes e que depois de apparecer o teu jornal vieram para a imprensa com as arquetas abarrotadas de versos medidos a olho, logicas estropiadas e de linguagem sem grammatica.

Deves-lhe muito, isso deves-lhe. Se não fossem elles com a guerra que te têm feito, o teu jornal não viria occupar o lugar de honra d'esta terra.

Vivam, pois, elles, os que te têm feito toda a guerra.

Foi a Providencia que os mandou em teu soccorro e ella bem sabe como e quando as cousas são precisas.

Diz um adagio antigo, que se não fóra certo bicho que dá nos figos, a fructa amuava, impediria-se em lugar de amadurecer e então adeus figos.

Vivam pois e medrem se podem tanto os insectos das figueiras como os chronistas, e viva a Providencia que fez bem para toda esta bicharia.

Eu sei que te não falta a força de vontade para continuares a conservar o teu jornal acima e muito acima de todos os mexericos e intrigas de que *alguem* que tu conheces é capaz de inventar.

Mas eu conheço-te, porque quando juntos passamos a infancia, muitas vezes tive ensejo de ver até onde te levava o caminho do dever.

Por isso não dês valor a questões pequenas que nem sequer valem uma cifra.

Deixemos, pois, medrarem os mexericos á vontade e deixa que eu preste a homenagem devida á tua coragem.

Todos abençoaram a appareção do teu jornal, e faltava só que a inveja e a ignorancia viesse confirmar com a sua guerra a acceitação que teve a tua tentativa.

Vieram. Deixa cahir chuva e neve sobre a sementeira porque maior colheita te espera.

E' rifão antigo. Não quero com isto dizer que descances na tua fadiga. Depois de despontada a semente ainda ha muito que fazer, e por isso continúa no teu posto de honra e permite-me que eu te roube este espaço do jornal, e avisa-me se posso continuar estas pobres cartas que te dedica

O teu amigo,
Basilio.

Ao chronista do «Povo d'Ovar»

Meu caro:

Duas palavras dictadas pela consciencia. Cré-me teu amigo e partidario faccioso em prol do teu talento.

Se sim ou não te tenho demonstrado a minha amisade, sabel-o tu. N'este ponto, faço *ponto*.

As tuas chronicas (se não é um peccado imperdoavel dar-se a applicação d'este nome a uns ramilhetes que trazem sempre as mais raras e olorosas flôres, nascidas e por ti colhidas nos jardins mais conceituados da litteratura!), as tuas chronicas, disse, que eram de toda a justiça dignas de serem classificadas—*mãe das chronicas!*—, não passam de uma simples admiração!

Os habitantes d'Ovar, aquelles que se assentam nas cadeiras da alta sociedade, reconhecem nas tuas flôres prestimo e graça mas, por providissima inveja, dão a ellas um preço diminutissimo.

Vae-te, vae-te, pois, espirito cla-

rissimo, até Pariz e apresenta-te na redacção do *Petit Journal*, pois lá é que não regatearão os elevados meritos provenientes do teu talento... chronico!

A modestia temperada é bonita e admittre-se; a tua não. Não espalhes por campo tão esteril—por Ovar—as *bufadas scientificas* do teu fórnio cerebral! Todos te admiram, mas mal, muito mal... E porque? Porque sentem-se fulminados pela tua critica e decahidos perante a tua intelligencia.

Invejas, carissimo *litterato-chronico-juccoso-critico*...

Oh! como tanto me custa ler as tuas respostas philosophicas ás palavras rasteiras, nuas de graça, que te hei enviado, do coração, admirando-te! Custa-me muito, acredita, e não penses que me acampanha a vaidade por me leres; longe de mim isso. Não me cabe nem nunca me caberá o direito de responder ao collega do Raphael dos oradores!

O teu logar não é aqui. Como escriptor, Pinheiro Chagas dar-te-ha a sua direita; como chronista, Marianno Emygdio d'Oliveira Pina e outros, idem; como critico, Ramalho Ortigão perde-te de vista, e como critico-juccoso, Eça de Queiroz nem para teu parente pôde servir.

Cheguei ao que queria. Em vista d'esta franqueza e no logar d'amigo, aconselho-te a que não soltes mais n'este recanto vareiro as andorinhas pregoeiras da tua intelligencia!

Dê-se o valor a quem o tem. Vae espargir as tuas *perolas* d'estylo para o estrangeiro e prefere mesmo a Pariz os sertões africanos, pois lá, só lá é que te elevarão a um throno que não aspiras mas que mereces.

Não te melindres. Não peço o agradecimento d'estes elogios bem singelos e d'este conselho; pensa bem, pensa tanto até te convenceres definitivamente de que em Ovar não passas além d'um *bo-lha-chronico!*

Não respondo á critica incerta na tua ultima tira-litteraria porque os leitores nada tem com os *cilicios* que te martyrisam o corpo quando eu me desgasto... contigo!

Se não seguires o meu conselho, participa-me.

Jayme.

CHRONICA

Estou doente. Isto quer dizer:—hoje não ha chronica. D'onde nasceu a culpa? De mim, não; de Deus, muito menos.

Fui á procissão do Senhor no domingo. Era cedo ainda quando se recolheu e cedo tambem, segundo os meus velhos costumes, para fazel-o.

Fui, porisso, matar algumas horas ao café «Cerveira», aonde estive até ás 9 horas da noite.

Sobejava-me a vontade de estar alli mais alguns minutos, porém fui obrigado a retirar por causa de quatro meninos—*quatro gaiteiros!*—que tentaram escovar, sem minha licença, o pó da roupa que se entranhou na mesma durante o trajecto da referida procissão que sempre segui.

Tenham pena de mim, leitores! Tão novo que sou e victima d'uma doença chamada—*mêdol*, doença incuravel, é triste!

Os *gaiteiros* procuraram-me *gaitar*; felizmente, eu é que os *gaitei*, porque... fugi!...

Bemdicta sejas tu sempre, ó Providencia!

Fugi sim. E quem não?

Pobres creanças!

Que tormentos, meu Deus, que tormentos!

Offereci-lhe *biscoitos*, quiz encostal-os ao peito e osculal-os, *amimei-os* quanto pude, mas tudo baldado!

«O' Deus, ó Juiz Celeste—*gaitavam*, em côro, os quatro Seraphins—envia, com a brevidade de um raio, a sentença que merece o *injusto* que nos chrismou de *gaiteiros!!!*»

«*Gaiteiros?!* Nós que tocamos com toda a *maestria!*»

Traidor! Traidor!
A elle!...
Ouvi isto, vi a morte e... fugi!

«Aonde vaes com essa pressa?» pergunta-me um amigo.

A fugir de quatro *gaiteiros* que me querem *gaitar* para sempre a existencia!

Proseguiu o mesmo:—«Espera; eu acompanho-te: vae mais *devégar!*»

Não tenho tempo para aturar as tuas *vósericos!* Vae p'ra casa da *maleita*, *Cerafim!*

No espaço de 10 minutos estava em casa.

Deitei-me tremulo. Ainda estou a caldos de gallinha, e, como remedio, dão-me umas coisas do feito de *gaitas*: macarrão!

Avaliem o *susto* e não me peçam chronica, peçam sim as minhas melhoras!

E tudo isto por causa de *quatro gaiteiros!*

CORRESPONDENCIAS

Lisboa, 19 de junho de 1892

Amaveis leitores:

De certo já vos não lembraes da minha pessoa, e isso não admira, porque ha bastante tempo me não digno dar-vos qualquer noticiinha por menos importante que seja.

Eu sinto muito não o ter feito; os meus muitos affazeres assim o teem permitido, e, além d'isso, o Pancrácio não me tem podido substituir por falta de saude.

—As festas ao milagroso Santo Antoninho estiveram por cá bastante animadas, não faltando encontrões na praça da Figueira, que esteve toda a noite repleta de festeiros.

Bastantes *Marias*, muitos *Maneis*, tocatas, danças, e sobretudo viam-se, como sempre, muitos devotos do deus Baccho. Até eu n'essa noite fui dando dois dedos de cavaco a uma... *romeira aldeónal!*

Agora tudo se prepara para festejar o S. João, que tambem deve estar por cá bastante animado.

E' um perigo sahir-se á rua, porque se é logo assaltado pela petizada, pedindo esmola para o S. Joãozinho.

—O assumpto do dia é uma pendencia entre o sr. ministro da marinha e outro cavalheiro muito conhecido; mas não se assustem, porque a soluçào ha de ser a mesma de todas as outras cá em Portugal:—*aguas de bacalhau!*

—Tambem se fallou muito em manifestações militares, golpes d'estado, etc., etc... *Devégar*, amigos! O diabo é se se lembram de me elegerem presidente da republica, porque me dão massada.

—O Chiado continúa a mimosar-nos com os seus *dandys*, de monoculo, com ares de conquistadores... d'algum jantar que um ou outro parvo se digna offerer-lhes. Aqui ha de tudo, graças a Deus!

—A Avenida continua a estar muito animada.

—Augmentam as digressões pe-

los arrabaldes, sorvetes por toda a parte, e eu, como estou com muito calor, ficarei por aqui, e vou tomar uma cerveja, que se me dá melhor com o estomago. Até á semana se houver vagar.

Semog.

PELO ESTRANGEIRO

Ciclone

Os jornaes madrilenos publicam os seguintes pormenores do violento ciclone, que ha dias se fez sentir n'aquella importantissima cidade hespanhola.

O furacão fez-se sentir n'uma zona de 300 a 400 metros, na direcção de N. a S. Embora durasse apenas um minuto, destruiu tudo quanto encontrou na sua passagem.

Uma parte da fabrica Palay desabou sobre um edificio visinho e produziu a morte d'um operario.

A uma refinação de assucar levantou todo o telhado dos armazens, inutilizando uma quantidade enorme de saccoes com aquelle genero. Na mesma refinação fez tambem desabar duas dependencias importantes. Os prejuizos são avultadissimos.

Na fabrica derrubou algumas paredes. Morreu um operario.

A distillação d'alcatrão Ferrer & Vidal ficou completamente destruida.

Na fabrica de tintas de imprensa Lorilleux arrancou dois corpos do edificio, ferindo gravemente 2 operarios.

Na refinação de petroleo Dustch derrubou tres chaminés de mais de vinte metros, levando pelos ares, a uma distancia enorme, um operario.

Por ultimo, na fabrica de productos chimicos de Cros, que occupa uma extensão de seis hectares, o estrago foi tal, que o edificio ficou completamente arruinado.

Tambem o asylo Armas teve grandes prejuizos. Além de tres mortos, ha dez feridos, offerendo dois d'elles muita gravidade.

O panico na população foi enorme.

Para quem gostar

Uma creada a um crêdor do patrão que bate á porta:

—O sr. Brito hoje não recebe. O credor:

—Bem sei; nem eu quero que elle receba, quero que elle pague.

O Pepino encontra nas Pontes o Gomes Dias, que, já por varias vezes o tinha massado.

—Olá, como estás, Gomes Dias? —Com muita pressa, muito obrigado.

N'um hotel do Furadouro:

—Rapaz, olha que tenho duas moscas no meu prato de sôpa.

—Tire-as depressa, porque se o patrão vê, faz-lhe pagar *extraordinaria*.

—Porque é que você casou com esta rapariga? Não é bonita, nem rica, nem intelligente...

—Então que quer? Quando a namorei estava ella constipada. E espirrava com tanta graça!...

Um bacalhoeiro recebeu um telegramma e exclama radiante:

—E' admiravel a rapidez do telegrapho! Acabo de receber este telegramma do Porto e ainda está humida a goma do sobrescripto.

Um sujeito entra n'um americano e pergunta muito encolerizado ao cocheiro:

—Quando começa a andar esta carroça?

O cocheiro responde, muito socegradamente.

—Quando estiver cheia de trastes.

Um rapaz que não é pècco de espirito nem pèro de lingua, estando em demanda com um visinho, foi procurar um advogado, a quem referiu o caso.

Depois de o haver examinado, o dr. S... o advogado, lhe disse:

—O sr. tem toda a razão, pôde ficar na certeza de que vencerá o pleito!

O rapaz paga a consulta e diz: —Agora, sr. dr., que v. s. está pago, diga-me francamente se acha a minha causa tão boa como lhe pareceu a principio.

Um inglez aluga um cavallo em uma cocheira e monta com todo o garbo.

O cavallo salta, e o inglez é lançado fóra da sella.

Depois de limpar-se, com toda a flengma, diz ao empregado da cocheira:

—Vocêmicí não tem uma cavalla menos burra do que está?

Ludi.

SECÇÃO CHARADISTICA

CHARADAS NOVISSIMAS

Na jangada, o fluido é um gigante—1-1.

O adverbio, é marisco e raiz medicinal—1-2.

Esta moeda, na botica é rezina—1-2.

Coragem! que o tributo é uma conjectura—1-2.

Em lauda, esta cidade é embarcação—1-2.

O fructo, em catalão é fructo—2-1.

A embarcação na musica é uma peça—2-1.

O fructo na musica é reptil—2-1.

Aqui, este instrumento é instrumento—1-3.

Junho de 1892.

Cerafim.

LOGOGRIPHO

Despejando esta vasilha—4, 5, 1, 7

Ouvi a minha parenta—4, 5, 7

A dizer d'este apellido—6, 2, 3

Uma coisa mui nojenta—6, 3.

CONCEITO

Leitor, paciencia!
E' arte ou sciencia.

CHARADA GEOGRAPHICA

Na Asia, na Asia, na Asia—2-2.

NOVISSIMAS

Aqui este orgão é fructo—1-2.

Para descanso no corpo do theatro—2-1.

Aqui esta nota e este apellido veste-se—1-1-1.

K. Patão.

ENYGMATA

Antigamente era um mal

Que todo o mundo temia,

E quem quer que o tivesse,

Era certo que morria.

Hoje não. A medicina

Com pouca coisa o desvasta.

Tem tres syllabas apenas

Sete letras e já basta.

Em Ovar ha um certo typo

Que não diz senão tolices,

Que possui essa molestia

Entre as suas *vósericos*.

Gaitero.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os executados, Manoel Joaquim Alves Fructuoso e mulher, do logar do Covello, freguezia de Cortegaça, mas ausentes em parte incerta, para no praso de dez dias, findo que seja o dos editos, pagarem ao execuente Manoel Francisco Rodrigues, solteiro, do logar de Mattosinhos, freguezia de Esmoris, a quantia de réis 1:31,8280, proveniente de capital, juros e custas contados na acção commercial que lhes moveu e porque lhes promove a execução de sentença, sob pena d'esta seguir seus termos nos bens arrestados.

Ovar, 18 de junho de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elycio Ferraz de Abreu. (29)

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar, escrivão Sobreira, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Antonio Pereira Sôrra, solteiro, e sua mãe Maria Vianna, viuva, por si, como assistente áquelle seu filho, e como representante de seus filhos, menores impuberes, Manoel José e Maria, todos residentes em parte incerta da cidade de Lisboa, para todos os termos até final do inventario orphanologico aberto por obito de Maria d'Oliveira Craveiro, que foi da rua do Pinheiro, d'esta villa; e os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, nos termos dos §§ 3.º e 4.º do artigo 696.º do Codigo do Processo Civil.

Ovar, 18 de junho de 1892.
VerifiqueiO juiz de direito,
Salgado e Carneiro.O escrivão,
Antonio dos Santos Sobreira. (30)

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de sessenta dias, contados da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo*, citando João de Andrade e Pinho, solteiro, maior, ausente nos Estados Unidos do Brazil, para, no praso de dez dias, findo o dos editos, pagar a suas irmãs Rosa Maria de Jesus, casada com Joaquim Fernandes da Silva, e Anna Gomes d'Andrade e Pinho, casada com José da Silva Junior, a quantia de 40,8860 réis, proveniente de tornas no inventario por fallecimento de seu pae José d'Andrade e Pinho, sendo á primeira 33,8390 réis, e á segunda 7,8470 réis, ou nomearem á penhora bens sufficientes para tal pagamento, pena da nomeação se devolver ás execucentes, na execução de sentença que lhe movem por appenso ao referido inventario.

Ovar, 9 de junho de 1892.
Verifiquei a exactidão.O juiz de direito,
Salgado e Carneiro.O escrivão,
João Ferreira Coelho. (28)

ANNUNCIOS

R. I. P.

Albertina Neuenfeldt d'Oliveira Fanêco, Rosa Gomes dos Santos, Carolina Neuenfeldt, auzente, Maria do Carmo Gomes dos Santos, Emilia Gomes dos Santos, João d'Oliveira Fanêco, Antonio d'Oliveira Fanêco, José d'Oliveira Fanêco, auzente, Maria da Graça Duarte d'Oliveira Santos, Antonio da Fonseca Gomes dos Santos, auzente, Maria Gomes dos Santos, João Manoel Lourenço Ferreira, Carlos Neuenfeldt, auzente, Germano Neuenfeldt, auzente, Augusto Neuenfeldt, auzente, e Otto Neuenfeldt, auzente, agradecem por este meio, profundamente reconhecidos, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do passamento de seu sempre chorado esposo, filho, genro, irmão, sobrinho e cunhado e bem assim aos que tão respeitosa assistiram á missa do 7.º dia, suffragando a sua alma; a todos, emfim, protestam o seu inolvidavel reconhecimento.

AGRADECIMENTO

Maria Araujo d'Oliveira Cardoso, Seraphim d'Oliveira Cardoso Baldaia, Carolina Adelaide d'Oliveira Cardoso Baldaia, Anna de Araujo Sommer, Rosa de Araujo Sobreira, Antonio Ferreira de Araujo, Henrique d'Oliveira Sommer e Antonio dos Santos Sobreira, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que tiveram a fineza de os cumprimentar por occasião do fallecimento de seu muito chorado esposo, filho, sobrinho e cunhado, dr. Anthero Garcia d'Oliveira Cardoso, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 1 de junho de 1892.

Noções Praticas de Tachygraphia

Foi agora publicado sob este titulo um methodo de tachygraphia, escripto pelo nosso collega da *Folha do Povo* J. Fraga Pery de Linde, tachygrapho da camara dos pares, que o dedicou especialmente a jornalistas e estudantes.

A edição é da casa Guillard, Aillaud & C.ª, e custa apenas 200 réis.

Vende-se em casa de **Silva Cerveira—Ovar.**

As noções praticas da tachygraphia devem ser adquiridas por todos os que desejarem aprender a fórma de tomar rapidamente quaesquer apontamentos.

CASA

Vende-se na rua do Pinheiro uma pertencente a D. Julia E. Dias de Lima. Tem quintal e poço.

Aos srs. viajantes

Appareceu hoje á venda em todas as livrarias um pequeno folheto cujo prestimo está declarado no seu titulo, *Guia auxiliar para as viagens de excursão em todas as linhas ferreas de Portugal*, com itinerarios escolhidos á vontade dos passageiros.

Custa este folheto a insignificante quantia de 60 réis, e é revisto pelo engenheiro o ex.º sr. F. Perfeito de Magalhães, e editado pelos prestimosos e bem conhecidos livreiros-editores Guillard, Aillaud & C.ª

Em Ovar, vende-se em casa de **Silva Cerveira.**

AVISO
AO
PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva Moura participa ao respeitavel publico em geral e aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir um atelier de alfaiate, no largo da Praça, n.º 35 e 36, Ovar, no qual se fazem fatos promptos a vestir de magnificas fazendas, desde o preço de 4,500 até 20,5000 réis; assim como se encontra um grande e variado sortimento de fatos feitos tanto para homem como para creança.

No mesmo estabelecimento se faz um fato completo em 12 horas, responsabilizando-se pelo bom trabalho e boas fazendas, tendo para isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente baratos para adquirir freguezia.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

Pós de carvão, quina,
essencia de hortelã
pimenta, etc.

Estes pós são uma das melhores preparações para a limpeza dos dentes. Não atacam o esmalte—porque são alcalinos, fortificam as gengivas e tiram o mau halito.

Caixa 100 réis

PHARMACIA ZAGALLO DE LIMA

PRAÇA, 63 — OVAR

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Contos
e historias diversas

Overdadero livro de S. Cypriano, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
O menino da matta e o seu cão piloto 60
Arte para curar bois, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes 60
Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens 40
Historia dos tres filhos, ou o gato das botas 20
O noivado do sepulchro (ballada) 20
Os efeitos da pinga (questão entre um sapateiro e sua mulher) 20
Segredos da tarimba (vida de um militar) 20
Interessantes conselhos que uma creada dá a um creado com quem pretende casar, para elle ser rico em pouco tempo (obra em verso) 20
Cousas do arco da velha 20
O amante despresado 20

As botas de sete leguas 20
Historia biblica 20
Historia de José Portugal 20
Tristes queixumes de um pintasilgo 20
Arte de cada pessoa conhecer a sua signa 20
Atento de dois cantadores—A menina padeira—Um negociante de melancias 20
O A B C dos amores, seguido da Linguagem das flores e sua significação 20
Atento de dois cantadores—A confissão do marujo—A despedida da mãe com o filho 20
Tragedia do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno 40
Auto de Santa Genoveva, princeza de Barbante, em que fallam Santa Genoveva, sua mãe: Sigisfredo, seu esposo; Tristão, seu filho; Golo, mordomo; uma criada, e dois criados 40
Auto do Dia de Juizo, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dálio, um vilão, um tabellião, um carneiceiro, uma regateira e um moleiro 40

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará,
Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos
e outros portos do Brazil

Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77